

EU SEI QUE VOLTARÁS

MARY HIGGINS CLARK

EU SEI QUE VOLTARÁS

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



AGRADECIMENTOS

Digo com frequência, aparentemente em jeito de gracejo, que a minha palavra preferida é «FIM».

Trata-se efetivamente da minha palavra preferida. Significa que a história foi contada, que a viagem terminou. Significa que as pessoas que, por esta altura no ano passado, não eram sequer fragmentos da minha imaginação viveram uma vida que eu escolhi para elas ou, para ser mais exata, que elas próprias escolheram.

Eu e o meu editor, Michael Korda, repetimos esta mesma viagem há já trinta e seis anos, desde aquele primeiro dia, em março de 1974, quando recebi um telefonema inacreditável em que me era dito que a Simon & Schuster havia comprado o meu primeiro livro, *Onde Estão as Crianças?*, por três mil dólares. Ao longo de todo este tempo, Michael tem sido o comandante do meu navio literário, e eu não me sentiria tão feliz e honrada se não tivéssemos partilhado esta colaboração. Há um ano, ele sugeriu-me: «Acho que um livro acerca do roubo de identidade seria um bom tema para ti.» Aqui está ele.

A editora Kathy Sagan é minha amiga há muitos anos. Há uma década, dirigia a *Mary Higgins Clark Mystery Magazine*. Esta é a primeira vez que trabalha comigo, em colaboração com Michael, num romance de *suspense*. Kathy, adoro-te. Obrigada.

O meu agradecimento permanente à diretora associada de *copyediting*, Gipsy da Silva, e aos meus revisores, Irene Clark, Agnes Newton e Nadine Petry, bem como à minha publicista aposentada, Lisl Cade.

Uma vez mais, o sargento Steven Marron e o detetive Richard Murphy, aposentado, do gabinete do procurador do Ministério Público de Nova Iorque, foram os meus guias, ao ilustrarem, passo a passo, os percursos da lei quando é cometido um crime grave.

É evidente, e é para sempre, o meu amor desmesurado pelo meu extraordinário marido, John Conheeney, e pela nossa família conjunta de nove filhos e dezassete netos.

Por fim, a vós, os meus leitores, o meu agradecimento pelos anos que temos partilhado. «Que a estrada venha ao encontro do vosso caminho...»

Em memória do reverendo Joseph A. Kelly, S. J.
1931-2008

Sempre um brilho no olhar deste jesuíta
Sempre um sorriso no seu rosto atraente
Sempre fé e compaixão a transbordar da sua alma
Ele era feito da mesma matéria de que são feitos os santos
Quando todo o Céu reclamou a sua ausência
O seu Criador chamou-o a casa

CAPÍTULO

1

O padre Aiden O'Brien encontrava-se a ouvir confissões na cripta da Igreja de São Francisco de Assis, situada na West Thirty-first Street, em Manhattan. O frade franciscano de setenta e oito anos aprovava a forma alternativa de administração daquele sacramento, na qual o penitente se sentava junto a ele na Sala da Reconciliação, em lugar de permanecer ajoelhado na madeira maciça do confessionário, com uma divisória a ocultar-lhe a identidade.

A única ocasião em que sentia que o novo processo não funcionava era quando, ao sentar-se frente a frente com o penitente, percebia que ele podia não ser capaz de dizer aquilo que no escuro teria conseguido confidenciar.

Era o que se passava agora naquela tarde fria de março, varrida pelo vento.

Na primeira hora que passara na sala, apenas duas mulheres tinham comparecido, paroquianas assíduas, ambas com mais de oitenta anos, cujos pecados, se alguma vez haviam existido, tinham ficado para trás há muito tempo. Uma delas confessou-lhe naquele dia que, quando tinha oito anos, mentira à mãe. Tinha comido dois queques e culpa o irmão por aquele que faltava.

O padre Aiden estava a rezar o terço até à hora prevista para sair da sala quando a porta foi aberta e uma jovem esbelta, que aparentava ter trinta e poucos anos, entrou. Com

uma expressão indecisa, caminhou lentamente na direção da cadeira que se encontrava à frente dele e sentou-se, hesitante. Usava o cabelo arruivado solto sobre os ombros. O seu fato com gola de pelo era obviamente caro, assim como as botas de salto alto em pele. As únicas joias que ostentava eram uns brincos de prata.

O padre Aiden aguardou, com uma expressão serena. Como a jovem não falasse, perguntou-lhe de forma encorajadora:

— Em que posso ajudá-la?

— Não sei por onde começar. — Falava baixo e num tom agradável, sem deixar transparecer quaisquer indícios de algum sotaque regional.

— Não há nada que possa dizer-me que eu não tenha já ouvido — respondeu o pároco num tom suave.

— Eu... — A mulher fez uma pausa e, de seguida, as palavras começaram a surgir apressadamente. — Eu sei de um crime que alguém se encontra prestes a cometer e não posso detê-lo.

Com uma expressão horrorizada, tapou a boca com a mão e levantou-se subitamente.

— Nunca devia ter vindo aqui — sussurrou. Em seguida, com a voz trémula de emoção, disse: — Padre, abençoe-me porque eu pequei. Confesso que sou cúmplice de um crime que está a ser cometido neste momento e de um homicídio que irá ser perpetrado em breve. É provável que venha a saber dele pelos jornais. Não quero tomar parte nele, mas é demasiado tarde para o impedir.

Voltou-se e, em cinco passos, estava com a mão na porta.

— Espere — chamou o padre Aiden, lutando para conseguir levantar-se. — Fale comigo. Eu posso ajudá-la.

Porém, ela desaparecera.

Seria a mulher psicótica?, interrogou-se o padre Aiden. Será que queria mesmo dizer aquilo que disse? E, se assim fosse, o que podia ele fazer?

Se ela estava a falar verdade, não há nada que eu possa fazer, pensou, ao enterrar-se novamente na cadeira. Não sei quem é nem onde vive. Resta-me apenas rezar para que não esteja bem do juízo e isto seja uma espécie de fantasia. Contudo, se ela não for perturbada, é suficientemente astuta para saber que eu me encontro limitado pelo segredo da confissão. Já deve ter sido uma católica praticante. As palavras que usou, «Padre, abençoe-me porque eu pequei», era a forma como os penitentes costumavam começar a confissão.

Permaneceu ali sozinho vários minutos. Quando a mulher saiu, a luz colocada sobre a porta da Sala da Reconciliação ficou automaticamente verde, o que significava que quem quer que pudesse estar a aguardar lá fora era livre de entrar. Deu consigo a rezar com fervor para que a jovem regressasse, mas isso não aconteceu.

Devia abandonar a sala às seis horas. Mas passavam já vinte minutos das seis quando ele perdeu a esperança de que ela pudesse regressar. Por fim, consciente do peso da sua idade e do fardo espiritual implícito ao seu papel de confessor, o padre Aiden pousou as mãos sobre os braços da cadeira e levantou-se devagar, retraindo-se perante a pontada de dor que assolou os seus joelhos artríticos. Abanando a cabeça, começou a caminhar na direção da porta, mas parou por um momento defronte da cadeira onde a jovem estivera sentada.

Não era louca, pensou ele com tristeza. Resta-me apenas rezar para que, se ela tem de facto conhecimento de

que um homicídio está prestes a ser cometido, faça o que a consciência lhe ditar. Tem de o impedir.

Abriu a porta e viu duas pessoas que acendiam velas no altar de São Judas que se encontrava no átrio da igreja. Havia um homem ajoelhado no genuflexório situado à frente do altar de Santo António, com o rosto enterrado nas mãos. O padre Aiden hesitou, interrogando-se se devia perguntar ao devoto se queria confessar-se. Refletiu então sobre o facto de as horas marcadas para a confissão terem terminado havia meia hora. Talvez aquele visitante estivesse a pedir algo ou a dar graças pelo que tinha recebido. O altar de Santo António era uma das paragens preferidas de muitos dos que visitavam a igreja.

O padre Aiden atravessou o átrio até à porta que conduzia à passagem que dava acesso ao mosteiro. Não sentiu o olhar intenso que lhe era dirigido pelo homem, que já não se encontrava absorto na oração e se voltara, colocando os óculos escuros na cabeça e observando-o atentamente, reparando na sua coroa franciscana e marcha lenta.

Ela não esteve ali nem sequer um minuto, pensou o observador. O que terá contado ao velho padre?, interrogou-se. Posso dar-me ao luxo de arriscar pensar que não deu com a língua nos dentes? O homem ouviu as portas exteriores da igreja serem abertas e o som de passos que se aproximavam. Voltou a colocar os óculos escuros rapidamente e levantou a gola da sua gabardina. Havia já fixado o nome do padre Aiden, gravado na porta.

O que faço consigo, padre O'Brien?, interrogou-se, furioso, ao mesmo tempo que passava rapidamente por uma dúzia de visitantes que entravam na igreja.

Para já, ainda não tinha uma resposta.

Aquilo de que não se apercebeu foi que ele, o observador, estava a ser observado. Alvirah Meehan, de sessenta e seis anos, a empregada de limpeza que se tornara colonista e escritora de sucesso e que ganhara quarenta milhões de dólares na lotaria, também ali se encontrava. Tinha andado às compras em Herald Square e, antes de regressar a casa, na zona sul do Central Park, percorrera a pé alguns quarteirões para ir à igreja acender uma vela no altar de Santo António e deixar uma doação extra para a sopa dos pobres, uma vez que tinha acabado de receber um cheque inesperado pelos direitos de autor de *Do Cotão ao Guião*.

Quando viu o homem, que aparentemente se encontrava concentrado nas suas orações defronte do altar, fez uma visita à gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Alguns minutos depois, quando viu o padre Aiden, seu velho amigo, abandonar a Sala da Reconciliação, esteve prestes a correr até junto dele e cumprimentá-lo rapidamente. Mas, para sua grande surpresa, o homem, que aparentava orar profundamente absorto, levantara-se de um salto, com os óculos escuros no cimo da cabeça. Não havia dúvidas de que estava a observar o pároco, que se dirigia para a porta de acesso ao mosteiro.

Alvirah tinha posto de parte qualquer suspeita de que o homem pudesse querer pedir ao padre Aiden que o ouvisse em confissão. Ele queria observar o padre de perto, pensou ela, ao vê-lo enquanto colocava novamente os óculos escuros e subia a gola da gabardina. Ela tinha tirado os óculos, pelo que se encontrava demasiado distante para que conseguisse vê-lo com clareza; mas, mesmo à distância, diria que tinha cerca de um metro e oitenta. O rosto dele encontrava-se na sombra, mas podia ver que era de constituição magra. Quando passou junto a ele no altar, pareceu-lhe

que não havia brancas no seu farto cabelo preto. Tinha o rosto tapado com as mãos.

Ao observar o estranho, que saía agora disparado pela porta que se encontrava mais perto dele, Alvirah interrogou-se: quem sabe o que mexe com as pessoas? Mas uma coisa sei, pensou. Mal o padre Aiden saiu da Sala da Reconciliação, o que quer que fosse que este homem tinha para dizer a Santo António terminou muito rapidamente.

CAPÍTULO

2

Hoje é dia 22 de março. Se ainda estiver vivo, o meu Matthew faz cinco anos, pensou Zan Moreland ao abrir os olhos, permanecendo quieta por vários minutos, afugentando as lágrimas que frequentemente lhe humedeciam o rosto e a almofada durante a noite. Olhou para o relógio da cómoda. Eram sete e um quarto da manhã. Tinha dormido quase oito horas. Como é evidente, isso acontecera porque, antes de se deitar, tinha tomado um comprimido para dormir, um luxo que raramente se permitia. Porém, a lembrança do aniversário dele não a deixara dormir praticamente a semana inteira.

Voltou a ser assaltada por fragmentos do sonho recorrente em que procurava Matthew. Desta feita, encontrava-se novamente no Central Park, procurando-o incessantemente, gritando o nome dele, implorando para que respondesse. Jogar às escondidas era a sua brincadeira preferida. No sonho, dizia a si mesma que ele não tinha realmente desaparecido. Estava apenas a esconder-se.

Mas ele *tinha* desaparecido.

Se ao menos eu tivesse cancelado o meu compromisso naquele dia, pensou Zan pela milionésima vez. Tiffany Shields, a *babysitter*, admitira que enquanto Matthew dormia

ela havia posicionado o carrinho de modo que o sol não incidisse sobre o rosto dele, colocara uma manta sobre a relva e adormecera ela também. Apenas quando acordara se apercebera de que o bebé já não se encontrava no carrinho.

Uma testemunha idosa telefonara à polícia após ter lido as notícias acerca do bebé desaparecido. Relatou que ela e o marido tinham andado a passear o cão no parque e que se tinham apercebido de que o carrinho se encontrava vazio cerca de meia hora antes da hora a que a *babysitter* referiu ter olhado para o seu interior.

— Na altura, não me ocorreu nada — comentou a testemunha, num tom transtornado e irado. — Pensei simplesmente que alguém, a mãe, por hipótese, teria levado a criança até ao parque de diversões. Nunca pensei que a jovem pudesse estar a tomar conta de alguém. Estava a dormir ferrada.

Tiffany acabara por admitir que, uma vez que Matthew se encontrava a dormir ao saírem de casa, ela não se tinha preocupado em prender-lhe o cinto.

Teria ele saído do carrinho por si mesmo e alguém, apercebendo-se de que estava sozinho, ter-lhe-ia dado a mão?, interrogava-se Zan, uma pergunta já gasta pela repetição. Há pedófilos a circularem por aí. *Meu Deus, por favor, não permitas que seja isso.*

A fotografia de Matthew tinha andado nos jornais de todo o país e na internet. Rezei tanto para que alguma pessoa solitária pudesse tê-lo levado e tivesse receio de o admitir, acabando por se entregar ou deixá-lo num local seguro onde ele seria encontrado, pensou Zan. Contudo, ao cabo de dois anos não há qualquer indício de onde ele possa estar. Por esta altura, provavelmente já se esqueceu de mim.

Sentou-se devagar e puxou o longo cabelo arruivado para trás dos ombros. Apesar de fazer exercício com regularidade, o seu corpo esbelto encontrava-se rígido e dorido. Tensão, dissera-lhe o médico. Vive sob tensão vinte e quatro horas por dia. Fez deslizar os pés para o chão, espreguiçou-se e pôs-se de pé; de seguida, caminhou até junto da janela e, contemplando a visão matinal da Estátua da Liberdade e do porto de Nova Iorque, fechou-a.

Fora aquela vista que a levava a decidir alugar aquele apartamento seis meses volvidos sobre o desaparecimento de Matthew. Tinha de se afastar do edifício da East Eighty-sixth Street, onde o quarto vazio do filho, a sua pequena cama e os seus brinquedos eram como setas que lhe passavam o coração diariamente.

Na mesma altura, apercebendo-se de que tinha de restituir alguma aparência de normalidade à sua vida, voltara as suas energias para o pequeno negócio de decoração de interiores que havia montado após ter-se separado de Ted. Tinham estado juntos tão pouco tempo que, quando se separaram, ela nem sequer sabia que estava grávida.

Antes de se ter casado com Ted Carpenter, tinha sido a assistente principal do conhecido decorador Bartley Longe. Já nessa altura, fora reconhecida como uma das mais promissoras jovens estrelas do ramo.

Um crítico, que soube que Bartley lhe deixara um projeto inteiro entre mãos enquanto tirava umas longas férias, relatara a sua capacidade espantosa para misturar e combinar tecidos, cores e o recheio de uma casa, refletindo o gosto e o estilo de vida do proprietário.

Zan fechou a janela e correu para o roupeiro. Adorava dormir num quarto frio, mas a sua *t-shirt* comprida não

a protegia das correntes de ar. Tinha propositadamente agendado um dia ocupado. Procurava agora o roupão que Ted abominava e ao qual ela se referia alegremente como o seu objeto de segurança. O roupão tornara-se um símbolo. Quando saía da cama e o quarto estava gelado, mal vestia o roupão ficava quentinha. De fria a quente; de vazia a transbordante. Matthew desaparecido, Matthew encontrado. Matthew nos seus braços, em casa, junto de si. Matthew adorava aninhar-se com ela dentro do roupão.

Mas chega de brincar às escondidas, pensou ela, engolindo as lágrimas, enquanto atava o cinto do roupão e fazia os pés entrarem numas chinelas. Seria brincar às escondidas se Matthew tivesse saído sozinho do carrinho? De qualquer modo, uma criança não vigiada devia ter chamado a atenção de outras pessoas. Quanto tempo teria demorado até alguém lhe ter pegado na mão e ter desaparecido com ele?

Era um dia invulgarmente quente de junho e o parque estava cheio de crianças.

Não comeces com isso, advertiu-se Zan ao percorrer o corredor até à cozinha, dirigindo-se diretamente à máquina de café. Estava programada para funcionar às sete da manhã e a cafeteira encontrava-se cheia. Serviu-se de uma chávena e procurou no frigorífico o leite magro e o recipiente com uma mistura de frutos que ela comprara na mercearia próxima de casa. Depois, pensando duas vezes, dispensou a fruta. Apenas café, pensou. É tudo o que quero neste momento. Sei que devia comer mais do que como, mas não é hoje que tenciono começar a fazê-lo.

Enquanto bebia o café, percorreu mentalmente a sua agenda. Depois de passar pelo escritório, ia encontrar-se

com o arquiteto responsável pelo novo e deslumbrante condomínio de arranha-céus, à beira do rio Hudson, para discutirem a decoração de três andares-modelo. Se conseguisse o trabalho, seria uma jogada de grande alcance. O seu principal adversário seria o antigo patrão, Bartley, o qual ela sabia estar ressentido por Zan ter aberto o seu próprio negócio, em vez de ter voltado a trabalhar para ele.

Podes ter-me ensinado muitas coisas, pensou Zan, mas eu não estava disposta a ter de aturar o teu mau feitio outra vez, bolas. Já para não falar da forma como te atiravas a mim. Tentou não pensar no dia embaraçoso em que tivera um colapso no gabinete de Bartley.

Levou a chávena de café para a casa de banho, pousou-a sobre o toucador e abriu a torneira do chuveiro. A água quente distendeu um pouco os seus músculos e, depois de ter colocado o champô, massajou firmemente o couro cabeludo com os dedos. Mais um truque para reduzir o stress, pensou sardonicamente. Na realidade, para mim, só há uma maneira de reduzir o stress...

Não vás por aí, advertiu-se novamente.

Enquanto se secava com a toalha, começou a ganhar ritmo, secando o cabelo com vigor; de seguida, envergando novamente o roupão, colocou o rímel e o brilho de lábios, a única maquilhagem que usava. O Matthew tem os olhos do Ted, pensou. Aquele tom irresistível de castanho-escuro. Costumava cantar-lhe a canção «Beautiful Brown Eyes». Tinha o cabelo muito claro, mas acho que estava a adquirir uns tons arruivados. Será que vai ter o cabelo ruivo como eu tinha em criança? Eu odiava o meu cabelo. Dizia à minha mãe que parecia a Anne of Green Gables, uma trinca-espinhas com aquele cabelo horroroso cor de cenoura. Mas ele ficaria adorável com essa cor de cabelo.

A mãe sublinhara que, ao crescer, Anne se tornara mais encorpada e o cabelo adquirira um tom castanho-avermelhado, rico e quente. A minha mãe costumava brincar comigo e chamava-me Annie Green Gables. Era mais uma memória na qual ela não devia mexer naquele dia.

Ted insistira que deviam jantar juntos nessa noite, apenas eles os dois.

— A Melissa vai compreender certamente — comentara quando telefonou. — Quero recordar o nosso menino com a única pessoa além de mim que sabe como me sinto no dia do seu aniversário. Por favor, Zan.

Iam encontrar-se no Four Seasons às sete e meia. A única desvantagem de morar em Battery Park City são os engarrafamentos para entrar e sair da cidade, pensou Zan. Não me apetece voltar à Baixa da cidade para trocar de roupa nem me apetece ter de carregar uma muda de roupa comigo para o escritório. Vou vestir o meu fato preto com a gola de pelo. É suficientemente elegante para sair à noite.

Daí a quinze minutos encontrava-se na rua. Era uma jovem alta e esbelta de trinta e dois anos, envergando um fato preto com gola de pelo, botas de salto alto, óculos escuros e a mala a tiracolo de decoradora, que trazia na mão. Enquanto descia o passeio para fazer sinal a um táxi, o seu cabelo arruivado movia-se sobre os ombros.

CAPÍTULO

3

Ao jantar, Alvirah tinha comentado com Willy a estranha forma como aquele homem observara o amigo deles, o padre Aiden, ao deixar a Sala da Reconciliação. Ao pequeno-almoço, voltou a abordar o assunto.

— Sonhei com ele esta noite, Willy — comentou. — E isso não é bom sinal. Quando sonho com alguém, significa geralmente que vai haver sarilhos.

Ainda ambos de roupão, encontravam-se confortavelmente sentados à mesa redonda da zona de refeições do seu apartamento da zona sul de Central Park. Lá fora, tal como Alvirah descrevera ao marido, estava um dia típico de março, frio e ventoso. O vento sacudia os móveis que tinham na varanda e, do lado oposto da rua, avistavam um Central Park quase deserto.

Do outro lado da mesa, Willy olhou com carinho para a mulher com quem estava casado há quarenta e cinco anos. Era um homem corpulento, frequentemente comparado com o lendário porta-voz da Câmara dos Representantes, Tip O'Neill, com o cabelo branco como a neve e, nas palavras de Alvirah, os olhos mais azuis à face da Terra.

Aos seus olhos apaixonados, Alvirah era linda. Ele nem reparava que, por muito que ela se esforçasse, tinha sempre uns cinco ou sete quilos para perder. Também não se apercebia de que, apenas uma semana depois de ela ter pintado

o cabelo, já a raiz branca surgia naquele cabelo que, graças a Dale of London, era agora de um castanho-avermelhado suave. Nos velhos tempos, antes de terem ganho a lotaria, quando era ela quem o pintava no lavatório da casa de banho do seu apartamento de Queens, tinha um tom vermelho-alaranjado exuberante.

— Querida, por aquilo que me contaste, o tipo estava provavelmente a tentar ganhar coragem para se confessar. E, quando viu o padre Aiden a sair, ficou na dúvida se devia ou não ir atrás dele.

Alvirah abanou a cabeça.

— Havia mais qualquer coisa. — Pegou na chaleira, serviu-se de mais uma chávena e a sua expressão alterou-se. — Sabes que hoje é o aniversário do pequeno Matthew. Faria cinco anos.

— Ou *faz* cinco anos — corrigiu-a Willy. — Alvirah, eu também tenho intuição. E acho que o pequenino está vivo algures.

— Falamos do Matthew como se o conhecêssemos — suspirou Alvirah enquanto adoçava o chá com um substituto do açúcar.

— Eu sinto que o conhecemos — respondeu Willy com seriedade.

Ficaram um momento em silêncio, ambos recordando como, havia quase dois anos, depois de a coluna de Alvirah no *New York Globe* acerca de uma criança desaparecida ter sido publicada na internet, Alexandra Moreland lhe telefonara.

— Senhora Meehan — tinha dito —, não consigo expressar-lhe o quanto eu e o Ted apreciamos o que escreveu. Caso o Matthew tenha sido levado por alguém que ansiava

desesperadamente por uma criança, a senhora transmitiu no artigo como estamos desesperados por recuperá-lo. A sua sugestão de que podiam deixá-lo num lugar seguro e evitar serem reconhecidos por câmaras de vigilância pode fazer a diferença.

Alvirah sofrera por ela.

— Willy, aquela pobre rapariga é filha única e perdeu os pais num acidente de automóvel, quando eles se dirigiam ao Aeroporto de Roma para a irem buscar. Depois, separou-se do marido antes de saber que estava grávida e, agora, o filho desapareceu. Tenho a certeza de que ela nem deve querer sair da cama todas as manhãs. Disse-lhe para me telefonar se alguma vez precisasse de conversar com alguém, mas sei que não vai fazê-lo.

Porém, passado pouco tempo, Alvira leu na página seis do *Post* que a jovem que fora assolada pela tragédia, Zan Moreland, tinha regressado ao trabalho a tempo inteiro na sua firma de decoração de interiores, a Moreland Interiors, na East Fifty-eighth Street. Alvira anunciou de imediato a Willy que a sua casa precisava de ser remodelada.

— Não me parece que a casa esteja assim tão má — comentara ele.

— Não é que esteja má, Willy. Mas comprámo-la mobiliada há seis anos e, para te ser sincera, ter tudo branco, cortinas, tapetes, móveis, às vezes faz-me sentir que vivo dentro de um iglu. Desperdiçar dinheiro é pecado, mas neste caso acho que é a coisa certa a fazer.

O resultado não fora apenas a remodelação do apartamento, mas também uma sólida amizade com Alexandra «Zan» Moreland. Atualmente, Zan chamava-lhes a sua família adotiva e viam-se com frequência.